

GORDOFOBIA NO TWITTER: UM ESTUDO SOBRE IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA

GORDOPHOBIA ON TWITTER: A STUDY ON LINGUISTIC IMPOLITENESS

Lucas Willian Oliveira Marciano
Luiz Fernando Ferreira da Costa
UFMG

Resumo: O presente artigo se propõe a descrever determinadas estratégias de impolidez (CULPEPER, 1996, 2016), associando-as à produção do discurso ofensivo e ao fomento do estigma em relação ao corpo gordo. Como fundamentação teórica, adotamos os trabalhos de Culpeper (1996, 2011, 2016), Bousfield (2008), Brown e Levinson (1987), Corrigan (2004), Corrigan e Watson (2002), Corrigan, Watson e Barr (2006), Verhaeghe, Bracke e Bruynooghe (2008), Felicissimo *et al* (2013) e Araújo *et al* (2018). A análise foi feita a partir da coleta de postagens na rede social Twitter. Em linhas gerais, os resultados indicam uma associação estreita da impolidez para ofender ou discriminar com a manutenção do discurso gordofóbico, o aumento da produção de discursos autodiscriminatórios e a diminuição da baixa autoestima dos alvos do discurso impolido. A pesquisa indica como o discurso digital pode colaborar para que discursos preconceituosos continuem ecoando na sociedade.

Palavras-chave: Impolidez. Discursos gordofóbicos. Estigma.

Abstract: *This article describes the description of impoliteness strategies (CULPEPER, 1996, 2016), associating them with the production of the offensive discourse and the promotion of stigma to the fat body. As theoretical reference, we adopted the works of Culpeper (1996, 2011, 2016), Bousfield (2008), Brown and Levinson (1987), Corrigan (2004), Corrigan and Watson (2002), Corrigan, Watson and Barr (2006), Verhaeghe, Bracke and Bruynooghe (2008), Felicissimo et al (2013) and Araújo et al (2018). The analysis was carried out by collecting data on the social network Twitter. In general terms, the results indicate a close association of impoliteness for the maintenance of discrimination with fatphobic speech, an increase in the production of self-discriminatory speeches and a decrease in the self-esteem of the targets of impolite speech. The research indicates how digital discourse may collaborate so that prejudiced discourses continue to echo in society.*

Keywords: *Impoliteness. Fatphobic Speeches. Stigma.*

INTRODUÇÃO

Com o advento das redes sociais, é certo que se tornou instantânea a interação entre pessoas de variadas partes do mundo; opiniões, ideias e discussões são compartilhadas em questões de segundos, sem praticamente nenhum tipo de barreira ou filtro (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018). Nesse contexto, a presença de discursos indesejados torna-se também comum; alguns com caráter ofensivo ou discriminatório. Nesse sentido, concentramos nossos esforços, no presente trabalho, em relacionar a ocorrência de discursos de ódio nas redes sociais. Como recorte da pesquisa, analisamos postagens gordofóbicas na rede social *Twitter*, vistas sob à luz da teoria da impolidez linguística (CULPEPER, 1996, 2011) e do trabalho de face (GOFFMAN, 1976), revisitado por Brown e Levinson (1987). Compreendemos que os discursos ofensivos são, em essência, discursos isentos de polidez, nos quais não há preocupação por parte do emissor do discurso de manter a face do interlocutor ílesa. Nesse sentido, se dá a propagação do discurso intencional de ataque à face (BROWN; LEVINSON, 1987; CULPEPER, 1996).

Assim, pretendemos analisar e descrever um evento linguístico que tem ganhado espaço nas mídias, em especial o Twitter: os discursos de ataque à imagem alheia, principalmente em relação ao corpo. Dentro do nosso escopo, temos como intenção compreender como se dá a ocorrência de discursos impolidos (suas estratégias e desdobramentos) no ambiente digital, relacionando-os à perpetuação do estigma público dos corpos gordos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, apresentamos a seguinte divisão: de início, teceremos a fundamentação teórica, pautada nos estudos sobre face e impolidez. Na seção seguinte, apresentaremos a metodologia, compreendendo os procedimentos de coleta de dados. Em seguida, traremos a análise e a discussão de resultados. Por fim, disponibilizamos nossas considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida.

TRABALHO DE FACE E IMPOLIDEZ

De acordo com Goffman (1955), face é o valor social positivo que as pessoas desejam obter uma das outras durante uma conversação ou interação, uma necessidade básica que ambos os envolvidos desejam manter através de certos tipos de atitudes e concessões durante a interação. Em outras palavras, é como um indivíduo quer que as outras pessoas o enxerguem, “a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967[1955], p. 5). Dessa forma, a face é baseada sobretudo em pressupostos externos que o indivíduo identifica como necessário segui-los, de acordo com o local, situação e pessoa com quem interage.

Revisitando o conceito de face, Brown e Levinson (1987) propõem dois tipos: face positiva e face negativa. A primeira se refere à necessidade do indivíduo de ser aceito, validado, pelo interlocutor, isto é, à dimensão facial que deseja se adequar em um contexto interativo. A segunda, por sua vez, trata da liberdade e do espaço privado que as partes ambicionam manter em uma interação; em outras palavras, os aspectos que os indivíduos desejam manter ocultos,

intransponíveis. Nessa perspectiva, é comum que, durante uma conversação, todos os envolvidos se atentem, mesmo que inconscientemente, a tentar manter não só a própria face, mas também a face alheia, a fim de que o diálogo seja agradável e respeitoso, configurando uma interação polida (BROWN; LEVINSON, 1987). No entanto, é fato que nem sempre isso acontece: quando um dos interlocutores se recusa a manter a preservação das faces intacta, abrem-se caminhos para a emergência de discursos impolidos.

Como visto, a face é um constructo que todos os falantes apresentam na interação, de maneira que mantê-la o mais intacta possível é o objetivo de todos os envolvidos, o que Brown e Levinson (1987) chamam de cooperação de proteção à face, baseada na vulnerabilidade mútua das faces. Esta vulnerabilidade é cimentada no fato de que, se um dos participantes da conversação tem sua face atacada, as possibilidades de que este revide e ataque a face do agressor são altas, o que na prática destrói a harmonia interacional. Dessa forma, os autores afirmam que “todo ato de fala/interação é potencialmente um ato ameaçador de face” (BROWN; LEVINSON, 1987), uma vez que estamos sempre sujeitos à quebra da prosperidade das faces positiva e negativa, respectivamente, seja por parte do falante/locutor, seja pelo ouvinte/interlocutor.

Nessa perspectiva, embora todas as interações sejam passíveis de violação da integridade da face, deve-se compreender que alguns discursos são potencialmente mais agressivos que outros. Esses discursos agressivos são construídos, em última instância, justamente para violar a face alheia. São, como Brown e Levinson (1987) definem, produções fundamentadas no conceito de “Ato de Ameaça à Face Particular”, do inglês *Face Threatening Act* – (FTA). Segundo os autores, esses discursos agressivos podem se realizar tanto de maneira direta e explícita, quanto por meio de um falso trabalho de polidez, a depender do destinatário da ofensa, do local de interação e de certas necessidades sociais que precisam ser mantidas. Assim, depreende-se que “quanto menor for a imposição do ato, quanto menos poderoso e mais distante o outro participante [da interação] for, menos educado ele [o emissor] precisará ser.” (CULPEPER, 1996, p. 355).

Assim, percebe-se que a distância espacial entre os participantes é um dos principais agravantes quando nos referimos à propagação de discursos agressivos e impolidos, sobretudo nas redes sociais, onde a proteção à relação facial é muitas vezes esquecida em nome da liberdade de se dizer o que se pensa sem nenhum tipo de hesitação (STROPPA; ROTHENBURG, 2017).

Nessa perspectiva, os estudos de polidez linguística ganham mais projeção a partir da publicação das estratégias mantenedoras de um discurso polido por Brown e Levinson (1987). Antes disso, Goffman (1955) elabora as noções de face. Nessa direção, os estudiosos dessa área se preocupavam de fato com as formas de polidez no discurso e os possíveis mecanismos que poderiam ser considerados impulsionadores de um uso educado na interação linguística. No entanto, até então, os estudos com foco nas estratégias fomentadoras do discurso impolido (baseado na quebra da harmonia facial), eram bastante negligenciados.

Dessa forma, após a publicação de seu estudo no *Journal of Pragmatics* da Universidade de Lancaster, Culpeper (1996) iniciou uma vertente teórica que passou a ser cada vez mais replicada e ampliada por outros autores, dentre estes Wichmann (2003), Bousfield (2008) e Kerbrat-Orecchioni

(2010; 2013). Os objetivos desses autores eram descobrir os tipos de impolidez, seus mecanismos de realização, a relação entre ato e contexto, a noção de intencionalidade, as funções comunicativas específicas dos atos impolidos e suas possíveis estratégias de produção e as demais variáveis que poderiam influenciar no grau e execução de cada manifestação de impolidez.

Na busca por uma definição da natureza da polidez ou não polidez dos discursos, Leech (1983) elabora as diferenciações de polidez relativa e polidez absoluta. Assim, para o autor, a polidez relativa se referiria a atos que, dependendo do contexto, podem ser polidos ou não, enquanto a polidez absoluta se relaciona com discursos polidos independentemente do contexto de uso. Ou seja, enquanto alguns discursos (ordens, críticas, objeções) são fundamentalmente indelicados, embora passíveis de polimento dependendo do contexto; outros, como elogios, são sempre educados, ou seja, um exemplo de polidez absoluta (LEECH, 1983).

Dessa forma, entende-se que uma definição do que é um discurso educado ou indelicado é, de diferentes maneiras, desde a escolha lexical aos movimentos não verbais, muito dependente do contexto interacional. Não obstante, no presente artigo, investigaremos os discursos que são totalmente impolidos. Entre estes, os mais fáceis de se identificar são os discursos com teor ofensivo e discriminatório; atos que ameaçam a face de forma agressiva e direta e de maneira intrínseca (LEECH, 1983). Nesse sentido, a partir da conjunção de ato e contexto, surgem os discursos inerentemente indelicados, visto que não podem sofrer nenhum tipo de trabalho real de polimento, deixando de atacar a face. São estes discursos, em suma, que são a base para os estudos de impolidez absoluta ou inerente (CULPEPER, 1996).

POR UMA DEFINIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE IMPOLIDEZ

Na esteira do desenvolvimento das teorias de impolidez linguística, têm-se muito discutido acerca das prováveis estratégias de fomento do discurso impolido. Culpeper (1996, 2005) inicialmente divide tais mecanismos em dois tipos: estratégias de impolidez positiva ou negativa, de acordo com o aspecto da face atingido. Bousfield (2008) também se dedica a essa temática em seu livro *Impoliteness in interaction*, embora ignore as diferenciações acerca dos tipos de impolidez. Para o autor, tal distinção é problemática, uma vez que em uma conversação ambas ocorrem não de maneira separada, mas contígua. Dessa maneira, um discurso que ataque a face positiva alheia (desejo de afirmação e aceitação) muito provavelmente também reverberaria na liberdade de ação e preservação de espaço (face negativa). Com efeito, apesar de nos basearmos nas estratégias de impolidez de Culpeper (1996), no nosso artigo adotaremos a terminologia de Bousfield (2008) no que se refere à impolidez positiva e negativa, no entanto fazendo algumas adaptações a serem elucidadas mais à frente.

Bousfield (2008) elucida que um dos pilares da produção do discurso impolido dotado de FTA (Ato de Ameaça à Face Particular) é que as intenções do locutor devem estar evidentes para o alvo. Dessa forma, assim como será feito no presente artigo, o autor concentra seus estudos não na impolidez acidental, mas na impolidez clara e direta, cujos objetivos são bem planejados para de

fato ofender ou causar danos à face alheia. Destaca-se, enfim, a intencionalidade, o uso consciente da linguagem para desestabilizar a harmonia facial, causando situações desfavoráveis a outrem (BOUSFIELD, 2008; CULPEPER, 2016).

Ademais, na linha de pensamento do discurso ofensivo como um ato deliberado de ataque à face, Culpeper (2011) traça um novo caminho para os estudos da impolidez. Segundo ele, a impolidez é um ato com um fim específico que ocorre em contextos específicos. Isto é, além de o ato impolido ocorrer em situações únicas e particulares, tem em seu cerne aspectos motivacionais externos, na maioria das vezes relacionados ao social, tais como religião, identidade, gênero e cultura (ou até mesmo estética, recorte deste trabalho). Todos esses aspectos se assemelham pelo fato de suscitarem o coletivo, aqueles temas humanos universais que, ou se adequam ao agressor, ou é por ele motivo de cólera. Dessa forma, “a avaliação de um interactante acerca da impolidez de dado comportamento é largamente tributária do lugar social que esse interactante ocupa em relação aos demais interactantes e a outros grupos sociais” (CUNHA, 2020, p. 149).

Neste artigo, optamos por empregar os estudos sobre estratégias de impolidez (CULPEPER, 1996). No entanto, precisamos evidenciar que, em trabalho posterior, Culpeper (2016) revisita sua obra e substitui o conceito de “estratégias” por “fórmulas”. Para o autor, um dos pontos delicados para o uso da noção de “estratégias” é a questão de contexto. Análises anteriores sobre estratégias de impolidez consideravam que a presença da estratégia já é suficiente para indicar a presença de impolidez (CULPEPER, 2016, p. 435). Contudo, em casos de insulto, como exemplifica o autor, o que pode ocorrer é uma forma de brincadeira entre pares a qual contribui para promover solidariedade entre os falantes (CULPEPER, 2016, p. 435), indicando a importância da situação para entender o uso de mecanismos potenciais de impolidez. Assim, a noção de fórmulas surge como *frames* (molduras) com regularidade, as quais revelam o conhecimento linguístico do falante para atuar em determinados contextos. Ao empregar tais fórmulas convencionalizadas, o falante indica conhecer as regras de convívio social (OLIVEIRA; MARCIANO, 2022).

Aqui, como dito, optamos por usar o conceito anterior, de estratégias, julgando-o suficiente para as análises aqui apresentadas. Obviamente, não desconsideramos a atualização teórica de Culpeper nem sua importância para os estudos sobre impolidez.

Dentro do escopo de estratégias de impolidez, Culpeper (1996, p. 356-357), baseado nas superestratégias de polidez de Brown e Levinson (1987), elabora seis estratégias do discurso impolido:

- 1) *Bald on record impoliteness* (impolidez explícita): o FTA é realizado de uma forma direta, clara, sem ambiguidade e concisa, em circunstâncias em que a preocupação com face não é irrelevante ou minimizada. Isto é, o ataque a face é anunciado de maneira inequívoca.
- 2) *Impolidez positiva*: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face positiva do destinatário.
- 3) *Impolidez negativa*: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face negativa do destinatário.

4) *Impolidez off-record* (impolidez subtendida): o FTA é performado por meio de uma implicatura, mas de tal maneira que uma determinada intenção claramente tem maior peso do que qualquer outra.

5) *Polidez withhold* (impolidez por negação de polidez): não se usam estratégias de polidez em circunstâncias em que esse uso é esperado.

METAESTRATÉGIA DE IMPOLIDEZ

6) Sarcasmo ou falsa polidez: o FTA é performado com o uso de estratégias de polidez claramente insinceras, que, por isso, se manifestam apenas na superfície do ato. (falso trabalho de polimento).

Como visto, a impolidez pode ocorrer de forma direta ou indireta e pode ser positiva ou negativa. No caso da impolidez positiva, o ataque é direcionado à sua necessidade de se sentir aprovado. São marcas desse tipo de ataque a exclusão do interlocutor, o desinteresse por ele, o uso de linguagem inacessível ou de palavras de baixo calão. Já a impolidez negativa é marcada por linguagem ameaçadora ou que despreze o interlocutor; ou ainda quando ocorre invasão do espaço psicológico do outro (CULPEPER, 2011).

A seguir, apresentamos alguns conceitos relacionados à aversão ao corpo gordo e as imagens sociais construídas em torno desse tipo de preconceito.

GORDOFOBIA E ESTIGMA

Não há objeções acerca da condição da obesidade como uma doença danosa a longo prazo; dentre as várias consequências negativas do excesso de peso, pode-se citar o comprometimento das funções normais dos sistemas cardiorrespiratório, nervoso e ósseo, o favorecimento de hipertensão, diabetes e tumores e a diminuição da mobilidade (FERREIRA; MAGALHÃES, 2006). Apesar disso, legitimar um discurso de aversão às pessoas gordas (gordofobia) vai muito além do que os profissionais da saúde preconizam. Nessa direção, “a gordofobia é utilizada para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural na sociedade que atinge as pessoas gordas”. (RANGEL, 2018, p. 19).

Dessa forma, a partir de uma falsa preocupação com a saúde, internautas têm feito uso frequente de discursos de ataque e ofensa às pessoas gordas, como aponta Araújo *et al* (2018) no seu estudo acerca dos comentários gordofóbicos nas redes sociais, nas quais vários termos ofensivos são usados para xingar, desmerecer ou relativizar a condição das pessoas gordas. Com efeito, é frequente observar comentários que tratem da obesidade como uma condição escolhida, evitável e “merecida” (a partir do comportamento do obeso), “onde a pessoa é gorda porque quer”.

Nessa perspectiva, nota-se que a gordofobia é negligenciada e não reconhecida pelas massas como algo válido. Como elucidada Araújo *et al*:

De modo complementar, as afirmativas que enquadram as pessoas gordas como pessoas vitimizadas ilegitimamente (remetendo ao fracasso como estereótipo) parecem cumprir a finalidade de categorizar o assunto como irrelevante ou descabido, justificando, portanto, o silêncio em torno do assunto, isto é, em torno do reconhecimento da existência real da gordofobia no tecido social. (ARAÚJO *et al*, 2018, p. 10)

Como visto, a discussão acerca da pertinência do tema gordofobia é algo complexo, sendo difícil para muitos indivíduos até mesmo reconhecer sua real existência. Assim, torna-se ainda mais difícil debater acerca das implicações que o comportamento gordofóbico pode influenciar. Dentre os vários efeitos da gordofobia, destacam-se as consequências negativas para as vítimas, motivadas em suma pelo estigma público que advém desses discursos discriminatórios, no qual um padrão corporal é definido como o essencial a ser seguido.

Nesse sentido, a consciência do estigma inerente por parte dos discriminados e sua posterior aceitação instigam a ocorrência não só de danos psicológicos, mas também

a de piora da condição da obesidade e o fomento de outras comorbidades físicas. (PUHL; HEUER, 2010).

Ainda, Fernando-Ramírez e Escudero (2012) apontam que o verdadeiro problema no combate à obesidade não é a oferta e disponibilização de mecanismos de emagrecimento, mas sim a exigência clara ou velada da necessidade das pessoas gordas de a utilizarem, ou seja, o discurso recheado de preconceito, que se utiliza do estigma para ofender e coagir as vítimas a se reconhecerem como inferiores, “pecadoras” no âmbito da estética. Nessa perspectiva, a veiculação persistente do estigma público abre margem para a internalização de um discurso que discrimina e inferioriza a si próprio, o estigma internalizado.

O estigma internalizado é definido como a interiorização do estigma, isto é, a aceitação e validação do discurso discriminatório como algo verdadeiro, aplicando tais discursos a si próprio. (CORRIGAN, 1998; CORRIGAN; WATSON, 2002). As consequências dessa internalização são extensas. Felicissimo *et al* (2013, p. 117) apontam vários autores que tratam dessa temática em sua revisão sistemática, dentre estes: Li *et al* (2009) acerca da diminuição das oportunidades na vida profissional e Corrigan e Wassel (2008), acerca de influências negativas em aspectos sociais do indivíduo, como o convívio social, esperança, autoeficácia e autoestima.

Uma das principais consequências apontadas do estigma internalizado tende a ser a diminuição da autoestima das vítimas, um fato que pode ter relação direta com a degradação de outras esferas da vida do afetado, tal como as já citadas anteriormente (LINK *et al*, 2001; CORRIGAN, 2004). Nessa direção, os resultados da revisão de Felicissimo *et al* (2013) indicam uma relação intrínseca entre estigma internalizado e diminuição da autoestima, visto que dos 17 artigos analisados, 14 colocavam as duas variáveis em uma estreita associação de causa e consequência.

Além disso, com a autoestima em baixa, os indivíduos podem se sentir impelidos a elaborar discursos que as autodiscriminem, ofendendo a si próprios, antes que outros o façam (FELICISSIMO *et al*, 2013). Percebe-se, com efeito, uma reincidência de ações, um ciclo. O estigma

público leva ao estigma internalizado, que, por sua vez, influencia na autoestima, fomentando a produção de discursos autodiscriminatórios, a manutenção do estigma associado e a negação da busca por ajuda profissional e tratamento para a condição associada ao estigma (VERHAEGHE; BRACKE; BRUYNOOGHE, 2008).

Assim, o presente artigo se debruça na extensão desse ciclo vicioso, a partir da associação do ciclo do estigma com as teorias de impolidez linguística.

METODOLOGIA

Os *tweets* aqui analisados foram obtidos manualmente, dentro de um recorte temporal de dois meses (novembro e dezembro de 2021), através da ferramenta de busca avançada do *Twitter*. Duas palavras-chave foram usadas para a obtenção dessas postagens, a constar: *gorda* e *obesa*. Ao todo, foram encontrados 87 postagens em que figuravam *gorda* e/ou *obesa*. Os posts foram salvos na própria ferramenta de arquivamento da rede social para posterior reanálise. Em seguida, os *tweets* foram analisados, desconsideraram-se postagens em que as palavras-chave não foram usadas de forma impolida. Assim, foram obtidas 34 postagens com uso impolido de *gorda/obesa*.

Logo após, os *tweets* foram capturados em formato de imagem (jpeg), classificados em categorias (A ou B), de acordo com a natureza do produtor do discurso, a saber:

A para discursos heterodepreciativos, que atacam a face alheia. Quantidade obtida: 14 *tweets*;

B: discursos nos quais a vítima fala sobre o estigma público; discursos caracterizados pela internalização do estigma; discursos autodepreciativos, que atacam a própria face e discursos com considerável teor de baixa autoestima. Quantidade obtida: 20 *tweets*.

Por fim, os posts foram compilados em um arquivo de texto, no qual puderam ser organizados e interpretados devidamente.

Os tweets classificados foram analisados de acordo com sua especificidade. Os tweets A foram descritos e relacionados a uma das estratégias de impolidez de Culpeper (2016), enquanto os tweets B foram associados com os conceitos de estigma público, estigma internalizado e baixa autoestima (CORRIGAN, 2004; LINK *et al*, 2001). Após isso, escolhemos 7 tweets (3 do tipo “A” e 4 do tipo “B”) para comporem nossa seção de análise de resultados, embasando assim nossa discussão. Os critérios utilizados foram os seguintes: 1 *tweet* com discurso carregado de impolidez subtendida (*off-record*); 1 discurso com impolidez positiva; 1 discurso com impolidez explícita; 1 discurso de reconhecimento da existência do estigma público por parte da vítima, mas ainda sem a internalização do estigma de fato; 1 discurso com a internalização do estigma por parte do emissor; 1 *tweet* com discurso autodiscriminatório; e, por fim, 1 discurso que apresente severa baixa autoestima. Assim posto, esses *tweets* viabilizaram a proposição de um ciclo do estigma baseado na impolidez intencional ou deliberada (BOUSFIELD, 2008; CULPEPER, 2016), a partir da ampliação da concepção cíclica de Verhaeghe, Bracke e Bruynooghe (2008) acerca do estigma público, estigma internalizado e baixa autoestima.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como apontado na seção anterior, os dados foram categorizados em duas distintas classes (A e B) de acordo com a natureza do emissor do discurso (uma fala agressiva de terceiros ou um discurso de uma vítima estigmatizada). Nesse sentido, a fim de obter uma maior clareza na análise, dividiremos a presente seção em duas subseções, uma para os discursos de ataque à face alheia e outra para os discursos das vítimas (discurso de reconhecimento do estigma; estigma internalizado; discursos autodiscriminatórios e com baixa autoestima).



Figura 1: Exemplo A10 - Impolidez subentendida (*off-record*)

Fonte: Twitter.

DISCURSOS DE ATAQUE À FACE ALHEIA

Discurso heterodepreciativo é todo aquele discurso que visa causar danos à face alheia, atacar a prosperidade facial de outrem. Nessa perspectiva, discutiremos acerca de três *tweets*, como já exposto no capítulo anterior. O primeiro se encontra a seguir:



Figura 2: Exemplo A8 – Impolidez positiva

Fonte: Twitter.

Nessa postagem, podemos inferir que o locutor é impolido através de uma implicatura, na qual o sentido da mensagem é sugerido a partir da interpretação do interlocutor. “Uma mulher é

feia ou ela é só gorda?”. Subtende-se que as pessoas gordas pertençam a uma classe estigmatizada, de modo que a obesidade e a feiura são colocadas em uma relação de estreita proximidade. Trata-se, portanto, de um exemplo concreto da estratégia de impolidez denominada *off-record* (impolidez subentendida) (CULPEPER, 2016).

Nesse outro tweet, temos um exemplo de impolidez positiva, à medida que o locutor almeja atacar a face positiva de outrem (BOUSFIELD, 2008; CULPEPER, 2016). Através da associação da obesidade com a feiura, e comparando-a de forma pejorativa com Thaís Carla, uma dançarina *plus size*, o locutor tem o objetivo de causar danos à face da garota a qual lhe infligiu *bullying* na época escolar.



Figura 3: Exemplo A1 - Impolidez explícita (*bold on record impoliteness*)

Fonte: Twitter.

Dentre as estratégias de impolidez usadas, podemos apontar: *usar nomeação depreciativa* (comparar o alvo do ataque com uma pessoa tida como inferior pelo emissor, no caso a Thaís Carla) e *desprezar e ridicularizar* enfatizando seu poder relativo (ao ressaltar o fato de uma possível “volta por cima” por parte do emissor do discurso), *invadir o espaço do outro* (ao dizer uma informação sensível, como o fato do alvo ter praticado bullying com o emissor), *associar explicitamente o outro a um aspecto negativo* (associação da obesidade com uma possível noção de feiura) (CULPEPER, 1996)

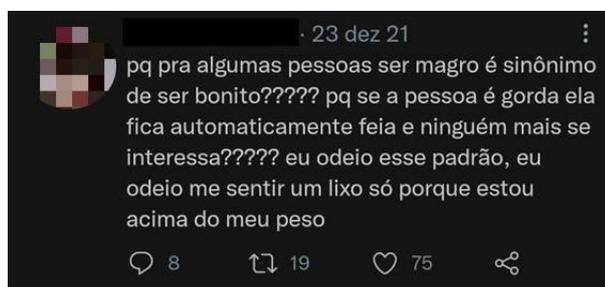


Figura 4: Exemplo B17 - Reconhecimento e questionamento do estigma público

Fonte: Twitter.

Já nesse *tweet*, temos a representação de um discurso com impolidez explícita. Isso ocorre

pelo fato de o emissor ambicionar causar danos à face alheia de forma clara e direta, ou seja, com o incontestável objetivo de ofender. O emissor, sem usar nenhum tipo de trabalho de proteção à face, usa de termos agressivos para exteriorizar seu preconceito e antipatia pelo alvo, a influenciadora Gkay. Dessa forma, temos um caso claro de Ataque à Face Particular (FTA) (BROWN E LEVINSON, 1987; CULPEPER, 1996).

DISCURSOS DAS VÍTIMAS

Nesse *tweet*, temos o reconhecimento do estigma público acerca de ser gordo por parte do internauta. De forma clara, este questiona a existência dos padrões estéticos de magreza da sociedade, em detrimento das pessoas gordas; o usuário demonstra que quer quebrar esse padrão.



Figura 5: Exemplo B8 - Aceitação do estigma (internalização)

Fonte: Twitter.

Além disso, apesar de afirmar que sofre com a existência desse estigma, aparenta não o ter internalizado, visto que sua postura é bastante ativa em debater o padrão referido. Dessa forma, trata-se não de um estigma internalizado propriamente dito, mas sim de um estado de consciência da existência do estigma público, no qual uma classe desfavorecida se atenta para o estado marginal inerente à sua condição de estigmatizado (CORRIGAN E WATSON, 2002). Dessa forma, o *tweet* acima se configura como uma pré-frase do ciclo do estigma, na qual o indivíduo estigmatizado ainda não internalizou o estigma, concordando com ele, mas apenas tomou consciência da depreciação pública associada à sua condição de obeso, como definem Corrigan e Watson, (2002); Ritsher e Phelan, (2004); Corrigan, Watson e Barr (2006); Rüsç *et al.*, (2006) e Mickelson e Williams, (2008).



Figura 6: Exemplo B7 - Discurso autodiscriminatório (depois da internalização do estigma)
Fonte: Twitter.

De maneira análoga ao exemplo anterior, nesse *tweet* temos também a manifestação de um internauta acerca do estigma decorrente às pessoas gordas. Não obstante, esse usuário não passa a impressão de irritabilidade com o estigma associado à obesidade, um desejo de mudança, mas sim o fato de querer pertencer a esse padrão estipulado. O internauta está consciente do estigma que sofre, e escolhe não quebrá-lo, mas adaptar-se a ele. Isso pode ser inferido claramente por sua fala, que diz que “quer ser magra, não gorda”. O uso repetitivo de palavras relacionadas à magreza como “magra”; “magrinha”; “magricela” e etc, é um agravante da vontade do usuário de se fazer entender pelos interlocutores da rede. Portanto, aqui o estigma se apresenta em outro estágio, a partir da internalização do discurso estigmatizador por parte do estigmatizado (CORRIGAN E WATSON, 2002). Ressalta-se também que a internalização do estigma instiga de forma quase inevitável a produção de um discurso autodiscriminador, o qual está presente em certa medida nesse exemplo e mais claramente no próximo a seguir.



Figura 7: Exemplo B2 - Discurso autodiscriminatório e baixa autoestima
Fonte: Twitter.

De fato, nesse *tweet* verifica-se um discurso carregado de autodiscriminação. O internauta, ao expor suas pernas e glúteos, acompanhado da adjetivação negativa (adjetivo “horível”) se isenta de manter sua face protegida, ao contrário do que normalmente se verifica nas interações (GOFFMAN, 1983). Como apontado, o discurso autodiscriminatório é uma consequência direta da internalização do estigma, na medida em que o estigmatizado passa a se revoltar com seu próprio corpo e sua incapacidade de mudá-lo a fim de atender ao padrão estipulado. Nessa direção, o indivíduo estigmatizado tende a se autodepreciar antes que uma outra pessoa o faça, evitando assim a reincidência do processo de estigmatização externa. (VERHAEGHE, BRACKE E BRUYNOOGHE, 2008)

Nesse último exemplo, o internauta se mostra insatisfeito com o próprio corpo, ao criticar seus braços, coxas e barriga, aparentando inclusive querer se afastar da sociedade. Sem dúvida, trata-se de um discurso autodiscriminatório, a partir da concordância com o estigma público. Com efeito, nesse exemplo temos uma outra variável advinda com a produção de discursos ofensivo-discriminatórios e a consequente evolução dessa estrutura cíclica: a baixa autoestima. Isso se verifica pelo mantimento de um estado autodepreciativo por um tempo considerável, influenciando em uma visão negativa de si próprio (CORRIGAN E WATSON, 2002; FUNG *et al*, 2007).

Nessa perspectiva, a baixa autoestima do usuário é claramente evidenciada quando este questiona à figura de Deus se cometeu algum pecado para merecer ser feia, burra e gorda, bem como o fato de desejar se isolar da convivência com outros, por sua suposta condição de inferioridade.

Nesta seção, pudemos analisar amostras dos dados coletados a fim de evidenciar o discurso gordofóbico no ambiente digital. Vimos que alguns usuários podem recorrer a estratégias de impolidez discursiva como caminho ou para atacar terceiros ou para se autoflagelar, revelando, assim, uma forma de perpetuação de um discurso preconceituoso.

Adiante, apresentamos nossas considerações finais, retomando alguns pontos de destaque deste trabalho. Além disso, sugerimos trajetórias possíveis para pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, averiguamos que a gordofobia na rede social *Twitter* é um evento presente. Embora nossa pesquisa não tivesse como foco uma dimensão quantitativa, os dados aqui analisados revelam uma tendência de uso de um discurso pautado em preconceitos em relação ao corpo.

Assim, entendemos que a produção de discursos gordofóbicos a partir do material analisado se deu com o fim de ofender e discriminar, de acordo com o conceito de estigma público, no qual se marginaliza um indivíduo fora do padrão convencional, ressaltando sua incompatibilidade com esse padrão através de palavras e implicaturas preconceituosas, associando ainda muitas vezes essa digressão como um ato de crime à estética, à noção de beleza, enfim.

Depreendemos que a impolidez absoluta ou inerente, usada para ofender e discriminar, tem um papel decisivo na produção desses discursos agressivos e estigmatizadores, a partir de sua associabilidade vertical com o estigma público, no qual se faz não só como impulsionador

do estigma no âmbito do discurso, mas também como instigador da produção de discursos autodiscriminatórios, diante da internalização do estigma. Assim, buscamos relacionar a impolidez com a perpetuação do estigma (tanto público, quanto internalizado) e da baixa autoestima de pessoas gordas, relacionando-a em um ciclo do estigma.

Nessa direção, constata-se que os estudos que relacionam a manutenção do estigma público, sua posterior internalização e a baixa autoestima do estigmatizado se concentram em indivíduos com transtornos mentais (LINK *et al*, 2001; CORRIGAN; WATSON, 2002; CORRIGAN; WATSON; BARR, 2006; VERHAEGHE; BRACKE. BRUYNOOGHE, 2008; LI *et al*, 2009), como aponta Felicissimo *et al* (2013). Assim, é necessário que novas pesquisas sejam produzidas com foco nos demais casos de exposição prolongada ao estigma, que não sejam relacionadas a transtornos mentais.

Ainda, inferimos que as teorias de impolidez utilizadas são canônicas (GOFFMAN, 1955; BROWN E LEVINSON 1987; CULPEPER, 1996; BOUSFIELD, 2008), mas também reconhecemos que há revisões e reformulações (CULPEPER, 2011, 2016) de conceitos relacionados à impolidez. Assim, outras análises sobre as teorias mais recentes podem e devem ser encorajadas.

Por fim, consideramos que o objetivo da pesquisa foi atingido. Procuramos entender a relação entre o discurso impolido dotado de agressividade à face alheia e a manutenção do estigma a partir de um recorte temático (gordofobia). Para trabalhos posteriores, há a possibilidade de expansão do corpus a fim de averiguar a tendência de discursos gordofóbicos não apenas no *Twitter*, mas também em outras esferas digitais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lidiane Silva et al. Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. *Psicologia em estudo*, v. 23, p. 1-17, Agosto, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34502>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BALOCCO, Anna Elizabeth; SHEPHERD, Tania Maria Granja. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *DELTA: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, Out-Dez, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BARRERE, Luana Lisboa. Face e polidez linguística em reclamações online: uma análise sob o viés pragmático. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 383-405, jan./jun, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28476/1/2017_art_llbarrere.pdf. Acesso em: 13 dez. 2021.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge university press, 1987, 301 p.

BOUSFIELD, Derek. *Impoliteness in interaction*. John Benjamins Pub., 2008, 266 p.

CORRIGAN, Patrick W. The impact of stigma on severe mental illness. *Cognitive and behavioral practice*, v. 5, n. 2, p. 201-222, 1998. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1077722998800060>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CORRIGAN, Patrick W.; WATSON, Amy C. The paradox of self-stigma and mental illness. *Clinical psychology: Science and practice*, v. 9, n. 1, p. 35, 2002. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/journals/cps/9/1/35/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CORRIGAN, Patrick W.; WASSEL, Abigail. Understanding and influencing the stigma of mental illness. *Journal of psychosocial nursing and mental health services*, v. 46, n. 1, p. 42-48, 2008. <https://journals.healio.com/doi/abs/10.3928/02793695-20080101-04>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CORRIGAN, Patrick. How stigma interferes with mental health care. *American Psychologist*, v. 59, n. 7, p., 614-625, Outubro, 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15491256/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, Lancaster, v. 25, n. 3, p. 349-367, Março, 1996. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3). Acesso em: 20 nov. 2021.

CULPEPER, Jonathan. Impoliteness and entertainment in the television quiz show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research, Language, Behaviour, Culture*, v.1, n.1, p. 35-72, 2005. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/jplr.2005.1.1.35/html>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness: Using language to cause offence*. New York: Cambridge University Press, 2011, 299 p.

CULPEPER, Jonathan. Impoliteness strategies. P. 421-445, 2016. In: Capone, A., Mey, J. (eds) *Interdisciplinary Studies in Pragmatics, Culture and Society*. Perspectives in Pragmatics, Philosophy & Psychology, vol 4. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-12616-6_16

CUNHA, Gustavo Ximenes. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. *DELTA: Documentação de Estudos em Língua Teórica e Aplicada*, v. 35, 2019.

CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema (Theories of linguistic im/politeness: revisiting the state of the art for a theoretical contribution on the topic). *Estudos da Língua (gem)*, v. 18, n. 2, p. 135-162, Maio-ago, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6409/5065>. Acesso em: 08 dez. 2021.

FELICISSIMO, Flaviane Bevilaqua et al. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: teoria e prática*, v. 15, n. 1, p. 116-129, Abril, 2013. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193826310003>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FERNÁNDEZ-RAMÍREZ, Baltasar; ESCUDERO, Enrique Baleriola. Estigma e identidade de las personas obesas en la semántica del discurso público. *Discurso & Sociedad*, v. 6, n. 2, p. 314-359, 2012. Disponível em: [http://www.dissoc.org/ediciones/v06n02/DS6\(2\)Fernandez%20&%20Baleriola.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v06n02/DS6(2)Fernandez%20&%20Baleriola.pdf). Acesso em: 06 jan. 2022;

FERREIRA, Vanessa Alves; MAGALHÃES, Rosana. Obesidade no Brasil: tendências atuais. *Revista portuguesa de saúde pública*, v. 24, n. 2, p. 71-81, 2006. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/95877/1/2-06-2006.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon Books, 1967[1955]. p. 5-45

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine et al. L'impolitesse en interaction: aperçus théoriques et étude de cas. *Studii și cercetări filologice*. Seria limbi romanice, n. 09, p. 142-178, 2011. Disponível em: <https://www.cceol.com/search/article-detail?id=201625>. Acesso em: 17 jan. 2022.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Politeness, impoliteness, non-politeness, “Polirudeness” The Case of Political TV Debates. *Aspects of linguistic impoliteness*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, p. 16-45, 2013.

LAKOFF, Robin. What you can do with words: Politeness, pragmatics and performatives. In: *Proceedings of the Texas conference on performatives, presuppositions and implicatures*. 1977. p. 79-106.

LEECH, Geoffrey N. *Principles of Pragmatics*. Longman, London and New York, 19

LEITE, Lúcia Dantas; DE MEDEIROS ROCHA, Érika Dantas; BRANDÃO-NETO, José. Obesidade: uma doença inflamatória. *Ciência & Saúde*, v. 2, n. 2, p. 85-95, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faenfi/article/view/6238>. Acesso em: 17 jan. 2022.

LINK, Bruce G. et al. Stigma as a barrier to recovery: The consequences of stigma for the self-esteem of people with mental illnesses. *Psychiatric services*, v. 52, n. 12, p. 1621-1626, 2001. Disponível em: <https://ps.psychiatryonline.org/doi/abs/10.1176/appi.ps.52.12.1621>. Acesso em: 17 jan. 2022.

MELLO E MARQUES, Naomy Ester de; NOBRE, Thalita Lacerda. Uma reflexão sobre o discurso de ódio nas redes sociais brasileiras. *International Review of Communication and Marketing Mix (IROCamm)*, Sevilla, v. 1, n. 4, p.73-88, Janeiro, 2021. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/IROCamm/article/view/14879/13006>. Acesso em: 18 nov. 2021.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CARNEIRO, Marisa Mendonça. # Caguei: Agressividade no twitter. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 12, n. 22, p. 7-20, 2018.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; MARCIANO, Lucas Willian Oliveira. # Edaí: um

estudo sobre impolidez e tomada de postura no Twitter brasileiro. *Confluência*, p. 199-221, 2022.

POUPART, Jean *et al.* A pesquisa qualitativa. *Enfoques epistemológicos e metodológicos*, v. 2, 2008.

PUHL, Rebecca M.; HEUER, Chelsea A. Obesity stigma: important considerations for public health. *American journal of public health*, v. 100, n. 6, p. 1019-1028, 2010. Disponível em <https://ajph.aphapublications.org/doi/abs/10.2105/ajph.2009.159491>. Acesso em: 12 jan. 2022.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. *O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205904>. Acesso em: 06 jan. 2022.

STROPPA, Tatiana; ROTHENBURG, Walter Claudius. Liberdade de expressão e discurso do ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, v. 10, n. 2, p. 450-468, 2015.

LI, Li *et al.* Stigma, social support, and depression among people living with HIV in Thailand. *AIDS care*, v. 21, n. 8, p. 1007-1013, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09540120802614358>. Acesso em: 16 jan. 2022.

VERHAEGHE, Mieke; BRACKE, Piet; BRUYNOOGHE, Kevin. Stigmatization and self-esteem of persons in recovery from mental illness: the role of peer support. *International Journal of Social Psychiatry*, v. 54, n. 3, p. 206-218, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0020764008090422>. Acesso em: 13 jan. 2022.

Lucas Willian Oliveira Marciano

Doutorando em Estudos Linguísticos (UFMG), Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG) e Graduação em Letras - Inglês e Português (UFMG). Professor da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Professor da Mais Pré-vestibular e Coordenador pedagógico/professor da Solidare Cursinho Popular.

Luiz Fernando Ferreira da Costa

Graduação em Letras/Português – Inglês (UFMG), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais(2019). Atualmente é Professor da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Recebido em 20/03/2022.

Aceito em 20/04/2022.